

Você ainda pode ler **9** textos gratuitos este mês

ASSINE

## Cultura

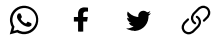
CINEMA · LITERATURA · LIVROS · MÚSICA · ARTE · TELEVISÃO

# J. Carlos, o cronista racista e antifascista que retratou as mudanças do Brasil do século XX

Exposição do IMS resgata a obra do chargista, cartunista e ilustrador brasileiro que contou a história do mundo através de seus desenhos e espelhou os traços de uma sociedade machista e preconceituosa



Ilustração de J. Carlos.  
ACERVO DO IMS



Em 1902, um jovem carioca de 18 anos mandou uma de suas ilustrações —uma caricatura do então presidente Campos Sales— para a redação da revista *Tagarela*, semanário que reunia importantes desenhistas. Apesar da qualidade questionável do trabalho, ele foi publicado, dando início à carreira de um dos maiores nomes da arte gráfica no Brasil: José Carlos de Brito e Cunha (1884-1950), o [J. Carlos](#), ilustrador, chargista, cartunista e quadrinista considerado o principal cronista visual da primeira metade do século XX no país. Agora, 300 itens de sua ampla produção (de mais de 50 mil obras) são expostas no [Instituto Moreira Salles \(IMS\)](#) de São Paulo, até o dia 26 de janeiro de 2020, na mostra *J. Carlos - Originais*.

A exposição não apenas presenteia o público com os [traços e cores refinadas](#) —ainda que de grande apelo popular—, como leva o visitante aos “bastidores” das obras, por meio de esboços que explicam o processo criativo de J. Carlos. Há, por exemplo, grandes pedaços de papel com o rascunho de diversos desenhos em um mesmo espaço. “A mostra está centrada no fazer artístico dele, com vários rascunhos, e no resultado final, luxuosíssimo, publicado na imprensa”, explica o também craque da caricatura Cássio Loredano, responsável pela curadoria da exposição, ao lado de Julia Kovensky e Paulo Roberto Pires. Loredano destaca, por exemplo, o uso dos tons de dourado, algo muito sofisticado para a época, e que já chamava a atenção dos leitores.

PUBLICIDADE



Ver novamente

#### MAIS INFORMAÇÕES



Os traços e cores de J. Carlos

Fazendo tudo à mão —utilizando lápis, caneta e pincel e especialmente o nanquim—, J. Carlos entregava trabalhos que pareciam criados com a precisão de uma máquina. Ao longo de 48 anos, seu trabalho cobriu alguns dos principais acontecimentos da História, como o advento da fotografia colorida, do automóvel, do avião, do rádio, do cinema, da televisão. O artista também contou as duas guerras mundiais, a [guerra civil espanhola](#), a Revolução de 30 e a Semana de Arte Moderna no Brasil. Loredano destaca, inclusive, o papel do seu trabalho na propagação de um discurso antifascista. “Considerando que a propaganda nazi-fascista era muito forte nas décadas de 30 e 40 em toda a América Latina, foi muito importante ter artistas como J. Carlos fazendo uma contrapropaganda. Na Primeira Guerra Mundial, ele já era pró-aliados, então, quando o [nazismo](#) levantou a cabeça, sua obra já refletia [sua posição] contra esses totalitarismos”,



‘Contos dos Orixás’



opiniões antifascistas”, acrescenta.



**Art Spiegelman:**  
“Meus  
quadrinhos  
nascem de  
minhas raivas e  
meus medos”

Uma das quatro seções em que se divide a exposição está centrada nas charges feitas durante a Segunda Guerra, em que líderes como Hitler e Mussolini são retratados de maneira ridícula. Os demais espaços mostram a faceta artesanal de J. Carlos (a criação de letras, vinhetas, rascunhos e logotipos), parte de sua produção para o público infantil —os quadrinhos em formatos ousados (circulares, triangulares, assimétricos) produzidos nos anos 1920 e publicados semanalmente em *O Tico-Tico*— e sua sátira da política brasileira.

O cronista cobriu, sobretudo, os Governos de Getúlio Vargas (1930-1945) e Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), mas também eternizou em seus traços o cotidiano do Rio de Janeiro, principalmente o carnaval, em uma explosão de detalhes e cores. Cássio Loredano considera que o trabalho de J. Carlos abriu portas para que [Millôr Fernandes](#) fizesse o mesmo na segunda metade do século XX.



Um dos quadrinhos infantis de J. Carlos.  
ACERVO IMS

Além de cimentar seu nome na história da crônica visual, J. Carlos é considerado por pesquisadores [um dos pioneiros do modernismo no Brasil](#) por sua leitura de estilos europeus como *art nouveau* e *art déco*, marcados por traços geométricos inspirados em formas naturais. “Ele transcende o universo dos desenhistas, dos caricaturistas. Sua obra causa impacto até hoje, as pessoas reconhecem o traço, a estética de uma era específica, a belle époque, que ele

## PUBLICIDADE



## Preconceitos

Apesar da genialidade de J. Carlos, a exposição do IMS não deixa em segundo plano o lado menos louvável do artista, como seu humor politicamente incorreto, principalmente seu discurso preconceituoso para com negros, mulheres e outras minorias. "Ele era bem [racista](#)", resume Loredano. Ao desenhar pessoas negras, J. Carlos recorria aos clichês visuais da época e traçava figuras com poucos traços, beijos enormes, olhos esbugalhados e movimentos exagerados e ridículos, quase animalescos. "Tudo é estereótipo e depreciativo, não há nuances físicas e fisionômicas nessas figuras. É o retrato de uma época feia, porque o público letrado daquela época era mínimo e reproduzia essas ideias racistas. Então, essa parte de sua obra é uma conversa entre iguais em preconceitos, ele e seu público. É trágico, porque é um artista fenomenal, que tem esse lado menos solar", comenta o curador.

No catálogo da exposição, Rafael Cardoso, historiador da arte, escreve sobre os traços de [racismo](#), sexismo, [xenofobia](#) e até antissemitismo na obra de J. Carlos. O especialista aponta que o artista dispensava um "tratamento depreciativo às figuras femininas, em especial às esposas e mulheres de meia idade, retratadas como crueis e fofoqueiras" e destaca que "seus desenhos cimentam os alicerces de uma identidade brasileira normativa: branca, católica, de classe média, como a maioria de seus leitores".

J. Carlos só parou de trabalhar quando, em 2 de outubro de 1950, na redação da revista *Careta*, sua cabeça bateu na escrivaninha em que terminava mais um desenho, devido a um AVC fatal. Com sua morte, a fina poeira do esquecimento começou a cair sobre suas obras. "O país ignora esse monstro. É como se o Brasil pudesse viver sem Noel Rosa. É um luxo que a gente não pode se dar", lamenta Loredano. "O brasileiro tem que cuidar de não perder memória, é preciso resgatar esse gigante da crônica".

## Mais informações

**Millôr Fernandes e o enorme passado que o Brasil tem pela frente**



## O brasileiro que venceu ‘Oscar’ dos quadrinhos com história sobre escravidão

GIORGIA CAVICCHIOLI (PONTE)

### ARQUIVADO EM

IMS · Desenho gráfico · Exposições · Centros culturais · Brasil · Agenda cultural · Instituições culturais · Desenho · América do Sul · América Latina · Agenda · Ilustração · América · Eventos · Artes gráficas · Cultura · Arte · Sociedade

Adere a  The Trust Project

Mais informações >

---

## NEWSLETTERS

Receba o boletim diário do EL PAÍS Brasil

---

## O MAIS VISTO

1. Byung-Chul Han: “O celular é um instrumento de dominação. Age como um rosário”
  2. “A vida não pode ser trabalhar a semana inteira e ir ao supermercado no sábado”
  3. Jake Gyllenhaal confessa que beijar Jennifer Aniston em cena foi “uma tortura”
  4. Quem ganhou o Nobel de Literatura no ano em que você nasceu? **País de Açúca**
  5. Rolling Stones deixam de tocar ‘Brown Sugar’ por suas referências à escravidão
-

NEWSLETTERS

**EL PAÍS Brasil Diária**

Receba newsletter diária do EL PAÍS Brasil: reportagens, análises, entrevistas exclusivas e as principais informações do dia no seu e-mail, de segunda a sexta

**Arquivo >**



**Baixe o app**



Se quiser apoiar a produção de jornalismo de qualidade

**ASSINE AGORA**

© EDICIONES EL PAÍS



[Contato](#) [Venda de conteúdos](#) [Publicidade](#) [Aviso legal](#) [Política de Privacidad](#) [Política cookies](#) [Configurações de cookies](#) [Mapa](#) [EL PAÍS en KIOSKOyMÁS](#) [Índice](#) [RSS](#)

